

**Imaginação e educação libertadora: interlocuções promitentes
entre Vygotsky e Espinosa**

**Imagination and liberating education: favorable interlocutions
between Vygotsky and Espinosa**

**Imaginación y educación liberadora: interlocuciones favorables
entre Vygotsky y Espinosa**

**Imaginaire et éducation libératrice: interlocutions favorables
entre Vygotsky et Espinosa**

Sheila Daniela Medeiros dos Santos¹

Raquel Souza Silva²

Mariana Fernandes e Silva³

¹ Faculdade de Educação / Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil.

^{2,3} Faculdade de Filosofia / Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil.

Resumo

Este ensaio objetiva analisar os principais elementos do pensamento de Espinosa que impactaram as formulações de Vygotsky acerca do conceito de imaginação para promover uma “educação libertadora”, conforme concepção de Freire (2013). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, com base no referencial teórico da Psicologia Histórica-Cultural de Lev S. Vygotsky (1927/1999) e da Filosofia Monista de Baruch Espinosa (1677/2009). Para efetivar este estudo realizou-se o levantamento das produções acadêmico-científicas nas plataformas: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Base Acervus do Sistema de Bibliotecas Digital da Universidade Estadual de Campinas (SBU). As análises das referências bibliográficas previamente selecionadas para o estudo revelaram que os aportes da ontologia de Espinosa

possibilitaram a Vygotsky tecer aproximações concernentes à concepção de imaginação, desvelando a potência desta função psíquica superior na produção de novos conhecimentos para a construção de uma educação como parte de uma política cidadã, dos direitos humanos e da construção da história (Freire, 2019) com vistas a um movimento emancipatório e uma sociedade equânime.

Palavras-chave: Imaginação, Educação Libertadora, Dialética Humana.

Abstract

This essay aims to analyze the main elements of Espinosa's thought that impacted Vygotsky's formulations about the concept of imagination to promote a "liberating education", according to Freire (2013). This is qualitative research, of the bibliographical type, based on the theoretical framework of Historical-Cultural Psychology of Lev S. Vygotsky (1927/1999) and Monist Philosophy of Baruch Espinosa (1677/2009). To carry out this study, a survey of academic-scientific productions was carried out in the platforms: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD) and *Base Acervus do Sistema de Bibliotecas Digital da Universidade Estadual de Campinas* (SBU). The analysis of the bibliographical references previously selected for the study revealed that the contributions of the ontology of Espinosa enabled Vygotsky to weave approximations concerning the conception of imagination, unveiling the power of this superior psychic function in the production of new knowledge for the construction of an education as part of a citizen policy, human rights and the construction of history (Freire, 2019) aiming an emancipatory movement and an equitable society.

Keywords: Imagination, Liberating Education, Dialectic Human.

Resumen

Este ensayo pretende analizar los principales elementos del pensamiento de Espinosa que impactaron las formulaciones de Vygotsky acerca del concepto de imaginación con vistas a una "educación libertadora", conforme acepción de Freire (2013). Se trata de una investigación cualitativa, del tipo bibliográfica,

con base en el referencial teórico de la Psicología Histórica-Cultural de Lev S. Vygotsky (1927/1999) y de la Filosofía Monista de Baruch Espinosa (1677/2009). Para efectuar este estudio se realizó el estudio de las producciones académico-científicas en las plataformas: *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD) y *Base Acervus do Sistema de Bibliotecas Digital da Universidade Estadual de Campinas* (SBU). Los análisis de las referencias bibliográficas previamente seleccionadas para el estudio revelaron que los aportes de la ontología de Espinosa posibilitaron a Vygotsky tejer aproximaciones concernientes a la concepción de imaginación, desvelando la potencia de esta función psíquica superior en la producción de nuevos conocimientos para la construcción de una educación como parte de una política ciudadana, de los derechos humanos y de la construcción de la historia (Freire, 2019) con vistas a un movimiento emancipador y una sociedad ecuánime.

Palabras clave: Imaginación, Educación Libertadora, Dialéctica Humana.

Résumé

Cet essai vise à analyser les principaux éléments de la pensée de Espinosa qui ont influencé les formulations de Vygotsky sur le concept d'imagination pour promouvoir une "éducation libératrice", en conformité avec Freire (2013). Il s'agit d'une recherche qualitative, de type bibliographique, basée sur le référentiel théorique de la psychologie historique et culturelle de Lev S. Vygotsky (1927/1999) et de la philosophie moniste de Baruch Espinosa (1677/2009). Pour réaliser cette étude, on a réalisé l'étude des productions académico-scientifiques sur les plateformes : *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD) et *Base Acervus do Sistema de Bibliotecas Digital da Universidade Estadual de Campinas* (SBU). Les analyses des références bibliographiques précédemment sélectionnées pour l'étude ont révélé que les apports de l'ontologie de Espinosa ont permis à Vygotsky de tisser des approximations concernant la conception de l'imagination, dévoilant la puissance de cette fonction psychique supérieure dans la production de nouvelles connaissances pour la construction d'une éducation dans le cadre d'une politique citoyenne, des droits de l'homme

et de la construction de l'histoire (Freire, 2019) en vue d'un mouvement émancipateur et d'une société équitable.

Mots-clés: Imaginaire, Éducation Libératrice, Dialectique Humaine.

Introdução

A natureza e os processos de produção da imaginação têm se apresentado, nos debates acadêmico-científicos instituídos historicamente, como um proeminente enigma a ser desvendado, dada a complexidade que permeia esta forma de atividade consciente no plano psicológico humano.

Na tradição filosófica e psicológica, o termo imaginação sempre suscitou uma tensão inerente às visões teóricas correntes que marcaram o contexto histórico e social de cada época.

Todavia, de acordo com Vygotsky (1927/1999), como a denominada velha ou tradicional psicologia do século XIX concebia o funcionamento da atividade psíquica do homem como combinações associativas de elementos decorrentes das impressões experienciadas e acumuladas ao longo da vida, o problema da imaginação permaneceu ao longo do tempo como um impasse a ser desvelado.

Estudos concernentes ao conceito de imaginação passaram, então, a ser realizados por diversos autores de aportes teóricos distintos, de tal forma que a temática adquiriu enorme amplitude e complexidade.

Em face disso, autores como: Bachelard (2018), Benjamin (2012), Castoriadis (2004, 2008), Lévi-Strauss (2001), Durand (2022), Jung (2011, 2013) e Sartre (2013, 2019), contribuíram cada um em seu campo de conhecimento, e a partir de um viés epistemológico específico, com um vasto material para análise.

Apesar de estes estudos não apresentarem um quadro teórico analítico e interpretativo consumado, indagações substanciais emergiram na contemporaneidade incitando o surgimento de novas pesquisas (Damásio, 2004; Leite, 2008; Ferreira, 2020; Sévérac, 2011; Teixeira, 2020; Vinciguerra, 2017; Zaninetti, 20002).

Nesta direção, com o intuito de encontrar pistas expressivas sobre a temática em pauta, constatou-se que a cisão com a denominada velha ou tradicional psicologia do século XIX fez com que Vygotsky (1927/1999) rastreasse na filosofia monista de Espinosa (1677/2009) percursos inéditos de superação à visão que imperava na época sobre o constructo de imaginação, como sendo uma instância reversa à razão e com uma lógica de funcionamento apartada do pensamento.

É importante salientar que, de acordo com Jacob (1990), o termo filosofia monista refere-se a um sistema filosófico que afirma certa unidade de explicação, com a redução a um só princípio, para um domínio limitado de ideias ou de fatos. Neste sentido, segundo Oliveira (2018) o monismo de Espinosa concebe a realidade como algo que não pode ser fragmentado, pelo fato de existir uma substância ímpar, cuja unidade é assegurada pela compatibilidade entre sua natureza e a multiplicidade de infinitos atributos dos quais se concebe o pensamento e a extensão.

Ademais, outra observação relevante de ser reiterada neste momento, refere-se ao fato de que os nomes destes dois notáveis autores, Vygotsky e Espinosa, têm sido grafados de variadas formas na literatura acadêmico-científica.

No caso de Vygotsky, conforme Duarte (2006) bem observou, em razão do idioma russo possuir um alfabeto distinto do ocidental, possibilitando muitas formas de escrever o nome do autor, optou-se neste trabalho, ao longo do texto, por preservar a grafia usualmente empregada nas publicações científicas internacionais, como Vygotsky, apesar de as transliterações do nome nas referências serem mantidas tal como empreendidas pelas editoras. Já no que se refere à Espinosa, apesar de a diversidade de registros da grafia do nome do autor e de seus derivados terem provocado divergências desde o século XIX, ao seguir as recomendações de Chauí (2005), priorizou-se neste trabalho a grafia Espinosa, no intuito de respeitar a convenção atual para a língua portuguesa.

Portanto, após considerar estas ressalvas, o presente trabalho objetivou analisar os principais elementos do pensamento de Espinosa que afetaram as formulações de Vygotsky acerca do conceito de imaginação com vistas a uma “educação libertadora”, conforme acepção de Freire (2013).

Para efetivar este trabalho realizou-se um estudo de natureza teórica, consubstanciado em uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica (Ludke & André, 2013; Minayo, 2001).

O levantamento das produções acadêmico-científicas foi viabilizado nas plataformas: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Base Acervus do Sistema de Bibliotecas Digital da Universidade Estadual de Campinas (SBU), tendo como suporte e linguagem de indexação as palavras-chave/descriptores: “imaginação/Espinosa”, “imaginação/Spinoza”, “Vigotski/Espinosa”, “Vygotsky/Spinoza”; “Psicologia histórico-cultural/Espinosa”.

As duas primeiras plataformas mencionadas retornaram a pesquisa com publicações específicas, cuja maioria não apresentava relação com o tema estudado. Já a Base Acervus do Sistema de Bibliotecas Digital da Universidade Estadual de Campinas (SBU), listou um número grande de publicações (livros, *e-books*, artigos, teses e dissertações), de tal forma que fez-se necessário aplicar os filtros: tipo de material, idioma, ano de publicação, sendo priorizado para este estudo as obras clássicas de Vygotsky e de Espinosa em língua portuguesa com publicação mais recente.

O referencial teórico que fundamentou o presente estudo foi a perspectiva Histórica-Cultural em Psicologia, cujo principal representante é Lev S. Vygotsky (1927/1999), e a filosofia monista do eminente filósofo do século XVII, Baruch Espinosa (1677/2009).

Com base nestas ponderações o trabalho procurou, em um primeiro momento, apresentar de forma sintetizada as premissas básicas que caracterizavam a Psicologia Histórico-Cultural, as quais, por sua vez, estão pautadas no materialismo histórico e dialético na ótica de Marx e Engels (1932/2007). Na sequência, buscou discorrer sobre alguns aspectos fundantes da obra do eminente filósofo racionalista Baruch Espinosa, no intuito de, posteriormente, alinhar os pontos em que o seu pensamento e o de Vygotsky acerca da imaginação se convergem e tangenciam. E, por último, retomou concisamente as aproximações entre a filosofia de Espinosa (1677/2009) e a Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky (1927/1999), desvelando um caminho alternativo promissor para a compreensão não dicotômica da epistemologia da

imaginação e para a emergência de uma “educação libertadora”, conforme expressão concebida por Paulo Freire (2013).

Pino (2006), ao parafrasear Marx (1932/2004), assevera que dar existência no plano da imaginação à algo que ainda não se concretizou no plano real implica em um ato de criação, cujo valor não deve ser minimizado pelo fato de constar na esfera imaginária, uma vez que é precisamente no plano do simbólico que o objeto/a ideia ganha vida, lugar onde permanecerá até o momento da ocorrência de sua possível transladação para o campo da materialidade real e concreta.

Dimensionar a atuação contraditória e dialética da relação entre a imaginação e a cultura, mantendo distanciamento de uma abordagem teórica mecanicista, é fundamental para compreender que a transposição da natureza para a história se efetiva por meio da imaginação, concepção que clarifica a singularidade e a criatividade apesar da determinação de um contexto cultural.

Esse posicionamento marcou os trabalhos de um dos primeiros teóricos a denunciar os infortúnios do viés separatista epistemológico que dominava a psicologia na década de 1920: o bielorruso Lev S. Vygotsky (1927/1999).

Vygotsky (1927/1999) opôs-se veementemente à tradição cartesiana, que preconizava a cisão entre corpo e mente; razão e emoção; externo e interno, trabalho manual e trabalho intelectual.

No intuito de superar visões dicotômicas e reducionistas, Vygotsky (1929/2000) estudou a constituição da espécie humana, considerando a progressiva formação de um psiquismo elaborado capaz de superar e transformar as condições determinadas pelo estatuto biológico. Este postulado conduziu-o a elaborar o conceito de funções psicológicas superiores em contraposição a outro conceito também sistematizado por ele: as funções psicológicas elementares, as quais referem-se às condições naturais humanas.

Convém salientar que Vygotsky (1929/2000) inseriu-se na matriz materialista histórica-dialética e comungou com a concepção de trabalho de Marx (1867/2013) como traço distinto do ser humano em relação às outras espécies animais. Nesta perspectiva, o homem é capaz de produzir (in)diretamente a

vida material, fazendo uso de instrumentos para dominar a natureza de modo a criar a história e a cultura.

Além dos instrumentos materiais, Vygotsky (1935/1994, p. 30) avalizou a existência de instrumentos psicológicos, os signos, os quais “são ferramentas que auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas”.

Logo, o desenvolvimento do ser humano opera como consequência do uso de instrumentos e, fundamentalmente, de signos, os quais representam a cultura material e os conhecimentos historicamente produzidos.

Outro aspecto impetrado por Vygotsky (1932/1995), e que não ficou aprisionado à diacronia da psicologia tradicional, refere-se ao conceito de internalização. Para Vygotsky (1932/1995), o referido conceito expressa a existência de um processo de (re)constituição, no nível individual, de funções originárias no nível social.

O axioma de que o ser humano é capaz de operar mentalmente sobre o mundo – isto é, consumir relações, realizar planejamentos, empreender comparações, imaginar eventos nunca vividos, pensar em objetos e situações ausentes – supõe um processo de representação mental.

É imprescindível sublinhar que, se por um lado Vygotsky (1932/1995) forjou o conceito de internalização para explicitar a dimensão cultural e histórica do psiquismo, por outro lado, este conceito teve a possibilidade de ser ampliado pelo renomado pesquisador desta mesma corrente teórica no Brasil, o pesquisador Angel Pino (2000, 2018).

Ao seguir os fios de Ariadne e tentar deslindar o conceito de internalização, Pino (1992) transita por distintas áreas do conhecimento, aprofunda aspectos basilares consubstanciados nas obras de Vygotsky (1931/1991) e propõe com extremo “rigor científico”, na expressão de Alves-Mazzotti (2001), o conceito de conversão, em razão do princípio materialista histórico e dialético que marca a matriz referencial de Vygotsky.

Em outros termos, os vestígios deixados pelo pensamento de Marx e Engels (1932/2007) permitiram à Pino (1992, 1996) compreender o conceito de internalização em Vygotsky (1932/1995), o qual de certa forma situava-se na tradição psicológica da época até então alicerçado por autores como Pierre

Janet, Jean Piaget, James Baldwin e Margaret Mead. Todavia, Pino (1992) imprimiu outro modo de conceber o conceito, qual seja, um processo de transmutação decorrente da objetivação humana, cuja dialeticidade expressa claramente a constituição psíquica do homem na ordem da cultura (Marx & Engels, 1932/2007).

Sendo assim, de acordo com Pino (1992, 1996), o conceito de conversão assinala com mais vivacidade o teor da determinação social, o qual não pode ser concebido como um processo mecânico, mas ao contrário, como um processo que pressupõe o protagonismo inalienável do indivíduo.

Segundo Pino (2000) é pelo outro que o eu se constitui em um ser social por meio da sua (inter)subjetividade. Para explicitar esta premissa, Pino (1996) recorre à expressão *homo duplex*, criada por Vygotsky (1929/2000) para preconizar que o homem é a unidade de uma legião, constituída por inúmeros outros que permanecem presentes como um “estranho essencial”. Esta proposição explica o conceito de conversão que faz alusão à referência hegeliana de uma relação em si, para o outro e para si (Pino, 1996).

Ademais, de acordo com Pino (1992), o real não é (re)produzido de modo automático, uma vez que o indivíduo o experiencia de forma singular, afinal “a entrada na cultura é o momento de distanciamento do homem da realidade em si, a qual se desdobra nele na forma de imagem” (Pino, 1992, p. 65).

Assim, o conceito de conversão inaugura a exequibilidade para entender a constituição do homem nas matrizes do drama, arquitetando um composto conceitual que traz implicações inestimáveis para os estudos no campo da Psicologia, pois, se por um lado não ignora ou nega a determinação social, mas a transpassa pela criação, por outro lado, extingue a visão clássica de um psiquismo ocluso e imutável.

Portanto, conforme Vygotsky (1929/2000) asseverou:

A vida é uma luta interna de posições sociais convertidas em uma dinâmica de personalidade que, portanto, não pode ser harmônica, mas tensionada,

dramática, no sentido de sistemas contraditórios [...] (Vygotsky, 1929/2000, p. 35).

E a imaginação, indubitavelmente, é a pedra angular nesse processo.

Portanto, ao sopesar as formas de imaginação que emergem no drama das relações sociais, orientadas para a realidade, é possível notar que a fronteira entre o pensamento realista e a imaginação se inscreve em uma linha tênue, a qual, segundo Vygotsky (1931/1998) se apaga, lançando novos desafios para a compreensão deste constructo.

Flanar com cautela pelas trilhas de Espinosa

A palavra que leva o nome de uma das mais importantes obras de Espinosa (1677/2009), a 'Ética', está presente em toda a sua produção teórica. Nas cinco partes que compõem a referida obra, este notável filósofo racionalista procurou equacionar o descompasso prevalente entre as potências cognitivas e afetivas (ou passionais).

Esquadrinhar com diligência as páginas desta obra não é tarefa fácil em razão da sua forma e expressão geométrica. De acordo com Brunschvicg (2021), o que importa à Espinosa são as definições, os axiomas, as demonstrações, os aforismos e a interdependência das partes que compõem a lógica geométrica. Isso porque o cerne da geometria é a ideia de plano, ou seja, de algo que não pode ser limitado ou definido e que antecede as noções de superfície, dimensão e espessura.

Todavia, segundo Souza (2017), o procedimento geométrico em Espinosa implica uma ideia de plano como expressão de um pensar aberto, que não tem limites e direção privilegiada, mas que é substância e depende de definições. Para este autor, em Espinosa reside o encontro singular entre a forma de um raciocínio geométrico e uma intuição que não se reduz a silogismos, uma vez que esta última é da ordem do afeto singularizante e não simplesmente do teorizar universalizante.

Convém mencionar, segundo Gleizer (2015), que as principais características da filosofia de Espinosa são: o racionalismo, o naturalismo integral, o determinismo absoluto e metodológico, e a dessacralização do divino.

Nesta perspectiva, conforme Vicinguerra (2017) observou, Espinosa perfilhou a terminologia escolástica e cartesiana que imperava no contexto de sua época. Todavia, a significação que marca os termos que compõem as suas obras desviam-se comumente e de modo implacável da referida tradição.

Espinosa (1677/2009) baseia sua filosofia em uma visão monista, a qual caracteriza toda sua argumentação. Este autor, ao asseverar que todas as coisas são feitas da mesma substância, corolário da proposição 6 (Espinosa, 1677/2009), e que aquilo que não se apresenta como a própria substância refere-se às suas afecções, cria em um primeiro momento muitas dúvidas em como a natureza, e o próprio homem, atuam na realidade.

No decorrer de suas obras, Espinosa (1677/2009) disserta sobre tais questões, fundamentalmente sobre a imaginação, colocando-a como um dos gêneros do conhecimento e citando-a em várias produções escritas em razão de sua imprescindibilidade na realidade do ser humano, cuja capacidade de imaginar lhe é inerente.

O filósofo descreve a imaginação como uma afecção mental, ou seja, como uma ideia produzida pela consciência acerca das afecções corporais (considerando o modo como a realidade afeta o corpo), que são as imagens e também o conhecimento constituído por signos (*cognitio ex signis*), considerando o modo como este pode dar sentido à conexão e à interpretação de imagens, em decorrência das referidas afecções corporais.

Para Espinosa (1677/2009), a imagem, constructo que compõe a imaginação, é o movimento que o corpo imprime na realidade, sendo sua participação no real a forma primordial de afetar e ser afetado. Para compreender esta assertiva é preciso atentar-se às noções hierárquicas que constituem e elevam as substâncias no campo da imaginação – a priori o conhecimento imagético é o resultado da causa de uma manifestação sensorial pelo indivíduo, passível de incompreensão por ser abrangente ao nível universal das coisas (Espinosa, 1677/2009) em seu primeiro gênero de conhecimento.

A imaginação envolve a imagem. Ela não é a potencialidade de um indivíduo único, em sua esfera singular; ela é o cingir do próprio homem em sua relação com o conhecimento. Por esta razão, para Espinosa (1677/2015, p. 384), “pelo recurso do intelecto, nos libertamos dela [a imaginação]”.

Pode-se conjecturar que a imaginação, em Espinosa (1862/2012), não se encontra, no sentido estrito do termo, no âmbito do indivíduo. Ela é intrínseca ao homem, manifestando-se externamente a ele. Na percepção que o homem faz do mundo que o cerca por intermédio de seu corpo, ele não vê primeiramente um corpo e somente depois sua imagem. O corpo percebido é imediatamente imagem, assim como a referida imagem também é o seu corpo.

Nesta perspectiva, o indivíduo é inábil para visualizar externamente e compreender o que ocorre; ele apenas concilia as coisas pelas causas que o afeta, não sendo abalizado para discernir, de fato, os precedentes que o afetaram. Para explicitar melhor este enunciado é possível citar a seguinte situação: um indivíduo, ao ingerir determinado alimento, o compara aos demais alimentos existentes que estão disponíveis no momento, sentindo o cheiro, o aroma e/ou a sua textura. Então, por meio da memória e da imaginação, denomina e classifica os alimentos, diferenciando-os. Ainda que haja alimentos semelhantes, não se pode exprimir com exatidão todas as suas similitudes e discrepâncias, de tal modo que, incapacitado de dotar todas elas, percebe o equívoco de constatar que existem elementos iguais, surgindo as noções universais (Espinosa, 1677/2009).

Desta forma, o indivíduo corrobora com as noções gerais do bem e do mal e teme o que foge das noções criadas externamente à sua imaginação. O ganho se dá quando a relação entre indivíduo e objeto se torna ativa capacitando o avanço dos encontros.

Espinosa (*apud* Deleuze, 2017) tematiza que os gêneros do conhecimento traduzem-se em modos de viver e de existir. O primeiro gênero, a imaginação, é constituído por todas as ideias (in)adequadas, pelas afecções passivas e pelo seu encadeamento. Esse primeiro gênero corresponde ao estado da natureza, ou seja, a um estado em que o indivíduo percebe os objetos ao sabor dos encontros, segundo o efeito que eles têm sobre si próprio. Esse efeito seria um signo, uma indicação variável e também uma experiência vaga.

Antes de abordar o funcionamento da imaginação, é plausível explicitar a questão do Livre-Arbítrio para Espinosa (1677/2009), assim como sua influência na imaginação. O ser humano, como parte da natureza, não tem capacidade de autodeterminação, seja mental ou física. O homem não é um ser independente, e como qualquer outro corpo na natureza, está intrinsecamente conectado a toda realidade e a todas as coisas, necessitando da existência das outras existências para a sua própria, do mesmo modo que a consciência humana só consegue formular o pensamento devido a existência de outras consciências.

Em outras palavras, a consciência (em si) não é responsável por suas próprias ideias (Rousset, 1994), uma vez que ela se constitui por meio de outras consciências, fazendo alusão clara à dialética hegeliana (para o outro e para si). Essa dependência em relação às outras coisas, segundo o autor, atesta que a imaginação é fruto das afecções que nos afetam, ou seja, a imaginação também vem de fora.

Mas como a imaginação funciona? O que é, de fato, imaginar? Espinosa (1677/2009) responde a estas perguntas em sua obra intitulada *Ética*, já referenciada neste manuscrito, afirmando que imaginar é a concatenação de imagens que seguem a ordem das afecções corporais. Ou seja, as imagens (*imagines rerum*) representam os corpos externos que afetam o corpo, não sendo uma representação verdadeira da figura (Espinosa, 1677/2009), pois há outras inúmeras figuras também participando desse processo e afetando o corpo humano, impedindo a visualização verdadeira das coisas, criando uma imagem única para cada consciência.

Como é possível observar, esse sentido de a imagem ser um processo que envolve diversos e diferentes corpos exteriores, tem uma importância fundamental no conceito da imaginação. Desta maneira, seguindo as elaborações teóricas de Espinosa (1862/2012), visualiza-se melhor o constructo da imaginação como um processo de encadeamento das imagens.

Convém salientar que o processo de concatenação de imagens é diretamente influenciado pelos seus vestígios. Corpos exteriores do passado são, para Espinosa (1677/2009), tão importantes quanto aqueles que afetam o presente, pois sua movimentação intervém de modo permanente no outro corpo, em

maior ou menor escala dependendo do choque causado. Espinosa (1677/2009), ao mencionar o postulado cinco da parte II de sua obra *Ética*, diz:

Quando uma parte fluida do corpo humano é determinada, por um corpo exterior, a se chocar, um grande número de vezes, com uma parte mole, a parte fluida modifica a superfície da parte mole e nela imprime como que traços (*vestigia*) do corpo exterior que a impele (Espinosa, 1677/2009, p. 66).

Estes traços a que se refere Espinosa (1677/2009) mostram que, mesmo que determinada situação tenha ocorrido e supostamente não tenha interferido no momento corrente, sua influência é inevitável, de modo a vincular-se ao movimento de instauração da atividade psicológica ao apreender o objeto existente.

Por fim, ao pautar-se nos estudos de Chauí (2020) sobre a linguagem em Espinosa, o corolário que se institui é que a intensidade da atividade corporal, assim como a pujança da consciência, no sentido de ter um corpo propício para afetar/ser afetado de formas diversas e simultâneas, acabam constituindo a liberdade, uma vez que ser é a existência em ato. Como nos lembra Chauí, (2020, p. 39): “Quando a ação se adjetiva e o adjetivo se substantiva, não estamos perante ocorrências linguísticas quaisquer”, mas estamos frente uma operação corporal que afeta e que danifica o corpo e a ideia.

Espinosa e Vygotsky: aproximações potentes para a imaginação

De acordo com Vygotsky (1931/1998), a imaginação é uma função psicológica superior que emerge na relação entre o pensamento e a linguagem edificada no processo histórico que envolve os quatro planos genéticos: a filogênese (história da espécie humana; a ontogênese (história do organismo individual da

espécie humana); a sociogênese (história do grupo cultural); e a microgênese (sequência singular de processos e experiências vividas por cada indivíduo).

Coincidentemente com essa linha de argumentação de Vygotsky (1931/1998), é possível encontrar em Espinosa (1677/2009) pontos de ancoragem para conceber a imaginação como a dimensão em que as imagens e as palavras (ambas afetadas e engajadas nas tramas dos enunciados, significações, relações sociais e história) coexistem, uma vez que as imagens, ao mesmo tempo que são elaboradas e sustentadas pela linguagem e seus sentidos, produzem outras formas de conexão, que não são estritamente da ordem da linguagem verbal, pois a transcendem, englobando formas outras de linguagem, como os gestos e o próprio silêncio.

Nota-se, portanto, elementos constitutivos das obras de Espinosa (1677/2009) no pensamento de Vygotsky (1927/1999), uma vez que estas, em razão de seu teor e magnitude, revelam ser decisivas na sistematização da teoria do bielorusso acerca da força e do controle dos instrumentos psicológicos sobre as funções cognitivas do ser humano.

De fato, Espinosa (1677/2009) concedia à imaginação uma posição distinta da época por meio da asserção de que a imagem é o primado do conhecimento e, portanto, constitutiva dele e também do trabalho humano, na concepção materialista histórica e dialética do termo (Marx, 1932/2004).

Neste contexto, a história e a cultura advêm da capacidade imagética do indivíduo ao expor ao real algo preambular, que transforma a paisagem do mundo, de tal forma que a consciência perde o estatuto de arrendatária da razão e do conhecimento, invertendo e destituindo a concepção equívoca de que a imaginação e a emoção são da ordem do erro.

As elucubrações sobre o conceito de imaginação em Vygotsky (1931/1998) são redimensionadas quando se recorre à influência do pensamento de Espinosa (1677/2009) no que tange a ideia de imagem.

Na obra de Espinosa (1677/2009) a imagem é o primeiro nível de conhecimento, o modo como o indivíduo experiencia a realidade. É por meio das imagens e das afetações do corpo que a consciência humana se apropria do mundo à sua volta. Ao ter em conta que as imagens não são réplicas dos

objetos que afetam os indivíduos, uma vez que estes não conhecem o mundo tal qual o mundo se apresenta fisicamente, mas é pela imagem que eles o evocam, pode-se asseverar que por conhecer o mundo por imagens é que há a possibilidade ao ser humano de, na/pela linguagem, produzir novos conhecimentos.

Portanto, as imagens não são meramente reflexos daquilo que se vê, como se fossem um espelho; também não são peças fictícias, mas, em sentido contrário, são signos representativos da sociedade.

Sendo assim, a imaginação se inscreve dentro de um vultoso componente afetivo. A imaginação concede ao homem a possibilidade de experienciar afeto na relação com o outro, em particular, e com os objetos e o mundo das ideias, em geral, sejam estes partícipes ou não do real.

A relação inextricável entre imaginação e afeto pode ser visibilizada, sobretudo, nas situações em que as imagens de determinado conteúdo são evocadas de forma prosaica e metafórica.

Um elemento imprescindível de ser assinalado refere-se à congruência existente entre a imaginação e a estilística metafórica (Chauí, 2020), uma vez que esta última possibilita o distanciamento do real concreto e a eclosão de novos significados.

A metáfora outorga o afastamento da literalidade dos objetos e das ideias; ela autoriza o indivíduo a situar-se e manter-se na esfera do possível. A imaginação é imperativa para que o homem se aproprie dos objetos como signos e como símbolos, os quais são distintos em suas aparências.

A imaginação é responsável por facultar ao homem a perspectiva de ver o mundo como possibilidade. Este princípio advém da plasticidade de seu funcionamento, que não se restringe à realidade factual dos objetos e ideias que circulam no mundo. Essa peculiaridade é um fator basilar que coaduna a atividade imagética ao ato de criação.

Seguindo as proposições de Vygotsky (1931/1991), Zanella et. al. (2006) afirmam que a imaginação se objetiva por meio de saltos qualitativos que ocorrem em razão dos complexos processos que envolvem a atividade do homem no plano psicológico. Nesse ínterim, a imaginação emerge como uma

atividade peculiar mediada semioticamente, a qual pode desencadear atos de criação que superem as relações imediatistas e episódios que aprisionam o indivíduo no “aqui e agora” do tempo presente.

É por meio da imaginação que o ser humano experiencia situações inéditas na vida e no mundo (Vygotsky, 1931/1998), sendo este capaz de transgredir a tudo aquilo que lhe é imposto. A transposição do provável para o plano do concreto e do real é um predicativo da imaginação que evidencia a sua importância capital para a história e para a cultura na vida humana.

A imaginação é a realidade como quantidade descontínua de realidades díspares da natureza. A imaginação não é uma atividade distinta do pensamento, uma vez que este último também envolve o desejo e a existência. Ela é e está envolvida na existência do homem, enquanto o mundo o envolve e por ele é envolvido.

Ademais, ao considerar que a autonomia é a expressão do processo de criação, ou seja, da imaginação, pode-se afirmar que, segundo Vygotsky (1930/2020), o ser humano é dotado de uma potência de criação que é imanente tanto às coletividades humanas, como ao homem como ser genérico e singular. Portanto, para Vygotsky (1930/2020), faz-se necessário reconhecer, no coletivo humano, a existência de uma instância de criação.

Embora as potências de criação operem à luz da imaginação na atividade psicológica do homem nota-se que, na esfera privada, grupos conservadores que atuam nas sociedades humanas (na esfera pública) se estruturam para disseminar a (re)produção de normas arbitrárias, impondo a heteronomia. Nesse cenário, a esfera pública afeta a imaginação de tal modo que, na esfera privada, a atuação do homem pode ocorrer no sentido do conformismo, da não autonomia, da alienação e até da opressão.

Para Gleizer (UFJF, 2021), problematizar o ataque à ciência exercido pelas forças do obscurantismo e do negacionismo na atualidade, à luz do pensamento de Espinosa acerca da imaginação e também dos afetos, é primordial para compreender o surgimento de mecanismos de consolidação e disseminação das crenças que buscam minimizar e naturalizar seus efeitos mais nefastos.

Neste sentido, a imaginação, juntamente com o componente afetivo, permite elucidar os processos de alienação, os quais obstaculizam a construção de uma educação libertadora (2013) e a consolidação de movimentos emancipatórios, uma vez que as crenças são edificadas em uma trama apartada da crítica, do reexame, do embate de ideias, onde se tem lugar apenas para o impulso que toma as informações como verdadeiras ao primeiro contato.

Segundo Gleizer (UFJF, 2021), na sociedade atual, um indivíduo é persuadido a acreditar em determinados conteúdos porque outras pessoas que compactuam com pontos de vista semelhantes chancelam certas narrativas sem questionamentos, de modo a promover uma espécie de contágio afetivo.

Portanto, com base nas considerações de Gleizer (UFJF, 2021), pode-se afirmar que a adesão aos conteúdos escusos promove o alastramento das teses conspiratórias e do negacionismo científico, impedindo a visão emancipadora do conhecimento.

Em contrapartida, a autonomia, resultado de uma educação libertadora (Freire, 2013), é o processo e a expressão da imaginação radical como potência criadora. De acordo com os preceitos de Vygotsky (1930/2020), a força criadora da imaginação é imanente tanto às coletividades humanas, como aos seres humanos de modo singular.

Uma educação libertadora que aspira a emancipação (Freire, 2013), a igualdade de direitos, a equidade e a justiça social como pressupostos essenciais, somente será possível em um regime radicalmente democrático se superar a inominável crise de valores e a infidelidade das significações imaginárias sociais marcadas pela oligarquia neoliberal, pelas forças hegemônicas do capitalismo e pela dominação incomensurável do poder econômico. Uma transformação radical desse modelo faz-se imperativo e urgente, dado que forças autoritárias e conservadoras irrompem em dimensão mundial.

Considerações Finais

Este ensaio não teve a pretensão de versar sobre um aspecto considerado insólito nos debates científico-acadêmicos de modo a esgotá-lo. Contrariamente, objetivou analisar alguns elementos do pensamento de Espinosa (1677/2009) que impactaram as formulações de Vygotsky (1927/1999) acerca do conceito de imaginação no intuito de contribuir para a construção de uma educação libertadora, conforme concepção de Freire (2013).

Durante os estudos realizados, a circunspeção que o debate em torno da questão demandava esteve o tempo todo presente, afinal discorrer sobre a imaginação em Espinosa (1677/2009) não é uma empreitada trivial, sobretudo porque o próprio termo, ao ser referenciado pelo autor, não abarca as idiosincrasias semânticas do latim.

Sendo assim, o mote que guiou o presente estudo emanou da Psicologia Histórico-Cultural, entretecendo as proposições apresentadas de forma contumaz pelo filósofo racionalista holandês Baruch Espinosa acerca da imaginação e as elaborações de Vygotsky sobre a referida temática.

Deste modo, o presente ensaio procurou fazer uma espécie de cotejo das preleções de Espinosa e Vigotski, a fim de mostrar as influências do primeiro pensador sobre o segundo.

Conceitos como instrumentos intelectuais e determinismo que são encontrados na Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky (1931/1991), nota-se, procedem da filosofia de Espinosa (1677/2009). O mesmo pode-se dizer com relação ao constructo de imagens.

No campo da Psicologia e da Filosofia, a percepção das imagens é que determina os processos de imaginação. Entretanto, não se pode simplesmente afirmar que vemos primeiro as coisas do mundo para depois imaginá-las, uma vez que para que possamos vê-las e percebê-las, processos imagéticos e de representação simbólica que compõem o funcionamento da imaginação, estão simultaneamente em ação.

Deste modo, amalgamamos por meio da imaginação fragmentos do real percebido e memórias do real vivido, os quais impulsionam os domínios da

imaginação notadamente criadora. Portanto, para criar, mesclar imagens, ideias e saberes profusamente, é eminente ver e conhecer cada vez mais, por meio das vivências.

É sobretudo no que se refere ao estatuto da imagem em Espinosa (1677/2009), à relação inextricável entre imaginação, simbólico e realidade e à função imagética que o escopo desta produção teórica foi se constituindo.

Estes fatores suscitam uma tensão intrínseca às posições correntes sobre o modo como se concretiza o funcionamento da imaginação, mormente no que se refere ao embate entre a reprodução do real e a criação do novo.

Durante o percurso investigativo, com base nas preleções de Espinosa (1677/2009), percebeu-se que, quando a problematização não é vigorosa a ponto de confrontar os equívocos e as ilusões, a imaginação pode seguir sem a pretensão do conhecimento crítico. Neste caso, o indivíduo busca na realidade que se lhe apresenta signos que legitimam um estado ilusório que ele imagina ser verdade. A subordinação em relação a estes signos falseados requer da imaginação uma prática desconexa de interpretação, o que conduz à alienação.

Cumprir lembrar que qualquer coisa pode tornar-se signo para a imaginação. A imaginação tem o poder de transformar em signo, em representação simbólica, todas as coisas forjadas no mundo da cultura e na história humana, e, quando as subtrai de sua existência na natureza, as transforma inevitavelmente na representação de algo.

Todavia, a imaginação também encontra nos signos sentidos furtivos e irrevelados que podem evocar preceitos iniciáticos. E é exatamente neste lugar onde residem as armadilhas, uma vez que, se colocada a serviço de uma ideologia hegemônica, a imaginação pode dar origem a ritos incongruentes e indeclináveis sob o manto da autenticidade.

Por conseguinte, decifrar signos requer um olhar crítico para as práticas interpretativas passionais, de forma a arrevesar a ordem dos enunciados, no intuito de desvendar a governamentalidade algorítmica dissimulada sob as palavras.

Instaura-se entre a imaginação e o signo uma relação que não é regida pelo mundo da natureza, mas sobretudo pelo mundo da cultura: um signo demanda

a interpretação da própria imaginação para legitimar que os signos outros que circulam na sociedade em determinado contexto histórico e social transportem as representações do significado das palavras e das imagens. Portanto, a imaginação não se expressa apenas com palavras, ela se expressa sobretudo em/com imagens, ambas passíveis sempre de crítica.

Por último, convém enfatizar que a contiguidade entre o pensamento de Espinosa (1677/2009) e de Vygotsky (1931/1991) aponta para a existência de uma trajetória alternativa rumo à concretização de uma educação libertadora (Freire, 2013). Em vista disso, compreender este constructo, a imaginação, significa entender não apenas o homem, mas também os diferentes modos de linguagem (incluindo o silêncio), a sociedade, a história, a cultura, a existência humana; significa, ainda, tensionar a alegria e a tristeza, o amor e o ódio, e também o desejo, afetos originários enfatizados por Espinosa.

Neste sentido, um caminho profícuo para uma educação libertadora e emancipatória, que possa dissolver e aniquilar os conflitos decorrentes da alienação e do negacionismo, seria descobrir como as potências intelectuais podem se fortalecer por meio do poder afetivo e da imaginação. Nesse ínterim, faz-se necessário enrevesar as potências da paixão em prol do desenvolvimento do conhecimento intelectual enredado à imaginação.

Referências bibliográficas

- Alves-Mazzotti, A. J. (2001). Relevância a aplicabilidade da pesquisa em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, 113, 39-50. <https://www.scielo.br/j/cp/a/Ly5RGTH4Yj8zGKbfz6DQFtC/?format=pdf&lang=pt>.
- Bachelard, G. (2018). *A Poética do devaneio*. Martins Fontes.
- Benjamin, W. (2012). *Obras escolhidas II*.: Brasiliense.
- Brunschvicg, L. (2021). La logique de Espinosa, *Revue de Métaphysique et de Morale*, 111(3), 453-467, PUF. <https://www.cairn.info/revue-de-metaphysique-et-de-morale-2021-3.htm>.

- Castoriadis, C. (2004). *Figuras do Pensável. As encruzilhadas do labirinto VI*. Civilização Brasileira.
- Castoriadis, C. (2008). *A instituição imaginária da sociedade*. Paz e Terra.
- Chauí, M. (2005). *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. Moderna.
- Chauí, M. (2020). Espinosa e a linguagem. *Cadernos de Tradução LELPrAT*, 1, 9-39.
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/lelprat/article/view/11496/8160>.
- Damásio, A. R. (2004). *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Companhia das Letras.
- Deleuze, G. (2017). *Espinosa e o problema da expressão*. Editora 34.
- Duarte, N. (2006). *Vigotski e o "aprender a aprender"*. Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Autores Associados.
- Durand, G. (2022). *A imaginação simbólica*. Edições 70.
- Espinosa, B. (1677/2009). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Espinosa, B. (1862/2012). *Breve Tratado*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Espinosa, B. (1677/2015). *Tratado da Emenda do Intelecto*. Editora da Unicamp.
- Ferreira, G. G. (2020). Imagem e imaginação na ética: por uma teoria dinâmica da imaginação em Espinosa. *Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século XVII*, 42, 125-149.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2013). *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Gleizer, M. A. (2015). *Lições introdutórias sobre a ética de Espinosa*. Via Verita.
- Jacob, A. (1990) *Encyclopédie philosophique universelle*. PUF.
- Jung, C. G. (2011). *O eu e o inconsciente*. Vozes.

- Jung, C. G. (2013). *O livro vermelho - liber novus*. Vozes.
- Leite, A. (2008). Sobre a imaginação projetiva em Spinoza. *Revista Conatus*, 2(3), 11-14.
- Lévi-Strauss, C. (2001). *O pensamento selvagem*. Papirus.
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (2013). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. EPU.
- Marx, K. (1932/2004). *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Boitempo.
- Marx, K. (1867/2013). *O capital: crítica da economia política*. Vol. 1. Boitempo.
- Marx, K. & ENGELS, F. (1932/2007). *A ideologia alemã*. Boitempo.
- Minayo, M. C. (2001). (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Oliveira, M. F. T. (2018). Ferdinand Alquié contra o monismo de Espinosa. *Griot: Revista de Filosofia*, 18(2), 72-85.
- Pino, A. (1992). As categorias de público e privado na análise do processo de internalização. *Educação & Sociedade*, 42, 315-327.
- Pino, A. (1996). A constituição e modos de significação do sujeito no contexto da pré-escola. In Pedrosa, M. I. (Org.). *Investigação da Criança em Interação Social*. UFPE, 1, 11-32.
- Pino, A. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, XXI (71), 45-78.
- Pino, A. (2006). A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. *Pro-Posições*. 17, 2(50), 47-69.
- Pino, A. (2018). *As marcas do Humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski*. Cortez.
- Rousset, B. (1994). Les implications de l'identité spinoziste de l'être et de la puissance. Espinosa : puissance et ontologie – Actes du Colloque

organisé par le Collège International de Philosophie, mai. /1993 à la Sorbonne (Org. Myriam Revault et Hadi Rizk), Kimé.

Sartre, J. P. (2013). *A imaginação*. L&PM.

Sartre, J. P. (2019). *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Vozes.

Sévérac, P. (2011). A potência da imaginação em Espinosa. In A. Martins, H. S. Santiago & L. C. Guimarães. (Org.) *As ilusões do eu: Espinosa e Nietzsche* (pp. 367-422). Civilização Brasileira.

UFJF. (2021). Por que o pensamento de Espinosa é tão atual? Entrevista com Marcos André Gleizer. *Pesquisa e Inovação*, <https://www2.ufjf.br/noticias/2021/07/23/por-que-o-pensamento-de-espinosa-e-tao-atual/>

Souza, E. L. L. (2017). Espinosa: a imaginação e sua atividade de envolver. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, 10(3), 28-57.

Teixeira, R. O. (2020). A potência da imaginação. *Cadernos Espinosanos*, 42, 215-236.

Vinciguerra, L. (2017). Marca, imagem, signo: uma abordagem semiótica de Espinosa. *Galaxia*, 35, 1-14. <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/30815/23238>.

Vigotski, L. S. (1929/2000). A psicologia concreta do homem. *Educação & Sociedade*. XXI (71), 23-44.

Vygotsky, L. S. (1931/1998). *O desenvolvimento psicológico na infância*. Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1927/1999). *Teoria e método em Psicologia*. Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1935/1994). *A formação social da mente*. Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1932/1995). *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1930/2020). *Imaginação e criação na infância*. Expressão Popular.

Vygotsky, L. S. (1931/1991). *Obras escogidas*. Visor.

Zanella, A. V. et al. (2006). Relações estéticas, atividade criadora e constituição do sujeito: algumas reflexões sobre a formação de professores(as). *Cadernos de Psicopedagogia*, 6(10), 1-17.

Zaninetti, A. (2002). L'importance du mécanisme de projection imaginaire au sein de la démarche spinozienne. *Revue de la Société de philosophie du Québec*, Numéro Thématique : Spinoza sous le prisme de son anthropologie, 29(1), 99-105.

Notas Biográficas

Sheila Daniela Medeiros dos Santos

Graduada em Pedagogia (FE/UNICAMP); Mestre e Doutora em Educação (FE/UNICAMP); Docente da Faculdade de Educação (FE/UFG).

 <https://orcid.org/0000-0002-0565-7330>

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás (UFG), Rua 235, n. 307, Setor Leste Universitário, Goiânia - GO, CEP: 74605-050, Brasil. / sheiladmsantos@gmail.com

Raquel Souza Silva

Graduanda de Licenciatura em Filosofia (FAFIL/UFG).

 <https://orcid.org/0009-0007-08311-1206>

Faculdade de Filosofia / Universidade Federal de Goiás (UFG), Rua Jacarandá, Prédio da Humanidades II, Campus Samambaia, Goiânia - GO, CEP: 74690-900, Brasil. / raquel_souza@discente.ufg.br

Mariana Fernandes e Silva

Graduanda de Licenciatura em Filosofia (FAFIL/UFG).

 <https://orcid.org/0009-0006-1118-9496>

Faculdade de Filosofia / Universidade Federal de Goiás (UFG), Rua Jacarandá,
Prédio da Humanidades II, Campus Samambaia, Goiânia - GO, CEP: 74690-900,
Brasil. / fernandes.mariana@discente.ufg.br

Datas de recepção e de aceitação (09/06/2023) (04/01/2024)